

## A REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917 E SEUS DESDOBRAMENTOS NO ÂMBITO DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL<sup>1</sup>

Niágara Vieira Soares Cunha<sup>2</sup>  
Marcel Lima Cunha<sup>3</sup>  
José Pereira de Sousa Sobrinho<sup>4</sup>  
Betânia Moraes<sup>5</sup>

*O correr da vida embrulha tudo.  
A vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem.*

*João Guimarães Rosa.*

### Resumo

O presente artigo toma como objetivo central o estudo dos fundamentos históricos da constituição da Psicologia Histórico-Cultural, com base nos quais, defende-se a tese de indissociabilidade entre as formulações teóricas conquistadas no âmbito da psicologia de base marxista, o chão histórico da Revolução Russa de 1917, assim como a estrutura metodológica formulada por Marx, qual seja, o método histórico-dialético.

**Palavras-Chave:** Revolução Russa de 1917. Ciência Psicológica. Psicologia Histórico-Cultural.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na VII Semana de Humanidades da UFC e UECE, realizada em maio de 2010. Trata-se de uma pesquisa surgida no contexto dos estudos realizados no Grupo de Estudos: Psicologia Histórico-Cultural e Educação: uma leitura na perspectiva marxiana-lukacsiana, desenvolvido no Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO/UECE, sob a orientação e coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ruth Maria de Paula Gonçalves e da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Betânia Moreira de Moraes.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual do Ceará – CMAE/UECE. Pesquisadora-Colaboradora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO/UECE. E-mail: nyaggara@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Mestrando do Curso de Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual do Ceará – CMAE/UECE. Pesquisador-Colaborador do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO/UECE. Professor da rede básica de ensino de Fortaleza. E-mail: marcel\_cunha2003@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Doutorando em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará – UFC. Pesquisador-Colaborador do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO/UECE. E-mail: jpsobrinho@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Professora dos Cursos de Pedagogia, Psicologia e Mestrado Acadêmico em Educação (CMAE) da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Pesquisadora-Orientadora do Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário – IMO/UECE. E-mail: betaneamoraes@hotmail.com.

## LA REVOLUCIÓN RUSA DE 1917 Y SUS DESDOBLAMIENTOS EN EL ÁMBITO DE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL

### Resumen

El artículo toma como objetivo central el estudio de los fundamentos históricos de la constitución de la Psicología Histórico-Cultural, en el que se defiende la tesis de la inseparabilidad entre las formulaciones teóricas realizadas en el marco de la psicología de base marxista, el suelo histórico de la Revolución Rusa de 1917, así como, la estructura metodológica formulada por Marx, a saber, el método dialéctico y histórico.

**Palabras Clave:** Revolución Rusa de 1917. Ciencia Psicológica. Psicología Histórico-Cultural.

### Introdução

A Revolução Russa de 1917 configurou-se como possibilidade de constituição de uma nova sociedade. Como decorrência desse fato, no campo da psicologia soviética, surgiu a necessidade do desenvolvimento de uma nova psicologia elencada sobre uma nova concepção de homem, a qual se vinculava à nova ordem social. Nessa perspectiva, debruçaram-se teóricos da envergadura de Vigotski, Leontiev e Luria, dentre outros que realizaram uma guerrilha intelectual contra as concepções tradicionais reinantes no âmbito da psicologia. Portanto, percebemos a importância de abordar as profundas transformações conduzidas no plano da produção intelectual-prática no campo da psicologia soviética a partir daquela revolução.

Para o desenvolvimento do nosso objeto de investigação científica, tomamos como objetivo central, analisar os fundamentos históricos de constituição da Psicologia Histórico-Cultural, partindo de uma pesquisa teórico-bibliográfica, que adota a obra *La psicología soviética tal como yo la veo*, de Marta Shuare (1990), como eixo de análise.

Diante dessa problemática, será feita uma contextualização histórica da revolução russa. Depois abordaremos a necessidade do método dialéctico na psicologia histórico-cultural e, por fim, faremos uma reflexão analítica acerca da

Revolução de Outubro e a Psicologia Soviética em seu movimento de constituição naquele período histórico.

### **A Revolução Russa de 1917: uma breve contextualização histórica**

A Revolução de Outubro de 1917 culminou com a tomada do poder pelo proletariado em meio ao contexto da crise gerada pela I Guerra Mundial (COSTA, 2010).

Todavia, esse processo ocorreu com várias mediações que se deram no movimento que transcorreu desde a Revolução de 1905. Naquele momento, devido ao desastroso desempenho da Rússia na guerra contra o Japão (1904-1905), a população – ainda acreditando no Czar como seu representante – marchou pacificamente no intuito de alertar o monarca acerca da miséria à qual a população estava submetida para financiar a guerra. Essa passeata teve também o objetivo de entregar uma petição assinada pelos trabalhadores, reivindicando direitos ao povo, como reforma agrária, tolerância religiosa, fim da censura e presença de representantes do povo no governo (TROTSKI, 2007).

A manifestação foi recepcionada pelas armas do exército do Czar no episódio que ficou conhecido como “Domingo Sangrento”. Após esse acontecimento, os operários e a tripulação do navio de guerra “Couraçado Potemkin” revoltaram-se e organizaram uma greve geral contra o Czar, que recuou aderindo à essência das reivindicações da burguesia – entre elas podemos citar a criação da Duma<sup>6</sup> e a existência de partidos políticos. Após as citadas concessões, a burguesia, de imediato, passou para o lado do Czar, abandonando os operários de Moscou que continuaram lutando sozinhos até serem esmagados durante as lutas de 7 a 17 de outubro. É nesse ínterim que se oficializaram as tendências políticas dos bolcheviques e dos mencheviques<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Assembléia Nacional da Rússia criada pelo Czar Nicolau II.

<sup>7</sup> O termo bolchevique, em russo, significa "majoritário". Designou-se assim o grupo do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), liderado por Lênin, a partir do segundo Congresso do POSDR, em 1903. A outra fração era conhecida como a dos mencheviques, palavra que significa "minoritário", cujos membros se opuseram a Lênin e aos bolcheviques. Pouco depois da chegada ao poder pelos Bolcheviques através da Revolução

no interior do Partido Operário Social Democrata Russo, as quais já existiam desde 1903.

No início do movimento de 1905, surgiu o Soviete (Conselho) de São Petersburgo, mas suas atividades foram duramente reprimidas pelo governo. Em meio à greve geral, o soviete foi reativado e passou a ser conhecido como Soviete Representante de Operários. No entanto, a criação da Duma, antes de representar uma vitória do movimento operário, como era esperado, significou uma derrota, na medida em que esta instituição legislativa era controlada pela aristocracia russa que vigiava sistematicamente os partidos.

A derrota da revolução de 1905 deu origem a uma situação reacionária que durou de 1906 a 1912. Já em 1912, as greves operárias foram retomadas na Rússia czarista. Todavia, foi em 1917 que as lições acumuladas pela vanguarda operária diante da experiência de 1905 demonstraram a sua força. Quando, ainda em fevereiro, surgiu a primeira insurreição, em que os operários, juntamente com a pequena burguesia, derrubaram o Czar. A partir de então, ressurgiram os sovietes, agora, compostos de deputados operários, soldados e camponeses. Ao mesmo tempo, toma posse o governo provisório liderado pelos liberais *cadets* presididos pelo príncipe Lvov tendo Kerenski como ministro da guerra. Contudo, no começo de maio, como nos conta Serge (2007), formou-se um ministério de coalizão composto por representantes dos burgueses liberais, por *cadets*, por socialistas revolucionários<sup>8</sup> e mencheviques, ministério esse que passou a ser presidido pelo próprio Kerenski.

Assim, Trotski (2007) classificou como *intelligentsia*<sup>9</sup> pequeno-burguesa (médicos, engenheiros, advogados, jornalistas e profissionais liberais, os quais não tiveram nenhum papel proeminente antes da guerra), esse grupo que se colocou como condutor da revolução de fevereiro, deixando os bolcheviques

---

Russa de 1917, eles mudaram o seu nome para o Partido Comunista de Toda a Rússia (Bolcheviques). Em 1918, passaram a ser conhecidos apenas como Partido Comunista da União Soviética - PCUS. No entanto, após 1952, esse partido removeria formalmente a palavra Bolchevique do seu nome.

<sup>8</sup> Trotski (2007) chama assim a democracia pequeno-burguesa, que representava o Partido Socialista Revolucionário. Este foi fundado em 1900 e chegou a ser a principal expressão política de todas as correntes populistas que existiam na Rússia. Foi também o partido que mais conquistou influência entre os camponeses antes da revolução.

<sup>9</sup> Classe dos intelectuais na Rússia czarista no século XIX, especialmente sua vanguarda política: por extensão, nome dado à vanguarda intelectual ou artística de qualquer país.

como secundários desse processo, negando que foram estes últimos que formularam as reivindicações sociais dos trabalhadores e dos camponeses com total clareza e resolução para o processo revolucionário de fevereiro de 1917.

A democracia pequeno-burguesa, mesmo se considerando socialista, debaixo de seu orgulho de “revolucionária”, mal dissimulava o seu respeito pela política e pelos métodos da burguesia liberal, além da ânsia por uma aliança e uma coalizão com essa burguesia. A carapuça ideal para essa camada dirigente era o programa do Partido Socialista Revolucionário que, por sua impotência intelectual e política, encontrou sua justificativa teórica na doutrina menchevique (TROTSKI, 2007).

A posição menchevique expressava o caráter “etapista” de suas formulações ao descrever o processo revolucionário em curso como uma revolução de caráter burguês, a qual levava-a necessariamente à conclusão de que a vitória das forças progressistas não poderia efetivar-se sem a participação da burguesia. Desse mote surgiu o bloco natural dos socialistas revolucionários com os mencheviques, como expressão da *intelligentsia* pequeno-burguesa descrita por Trotski.

Assim, foi concluída a Revolução de Fevereiro, que foi capaz de superar o sistema czarista, ficando registrada na historiografia soviética como uma revolução burguesa que precedeu a Revolução Operária de Outubro (BARROCO, 2007).

Entretanto, o período decorrido entre os dois processos revolucionários foi marcado por intensas disputas políticas, nas quais os bolcheviques ocuparam-se da tarefa de acumular forças, enquanto movimento político, diante de uma crise revolucionária que deixava claro que não havia chegado ao seu fim. A tática encontrada para o fortalecimento do movimento revolucionário estava na consolidação dos sovietes, dentre os quais destacamos, o soviete de Petrogrado, então capital da Rússia, que era liderado por Trotski.

A tarefa assumida pelos bolcheviques apresentou seu resultado após alguns meses, em outubro, quando as massas populares iam em grande número para as suas reuniões, reconhecendo naquele espaço o instrumento de decisão coletiva das definições políticas de toda a capital. Os embates no

interior do soviete de Petrogrado eram realizados pelos representantes das diversas correntes políticas existentes no interior da Rússia revolucionária, com destaque para os membros do partido bolchevique, os delegados do congresso dos sovietes, os representantes do *front*, os socialistas revolucionários de esquerda e os anarquistas (TROTSKI, 2007).

O mês de outubro na Rússia entraria para a história como o “Outubro Vermelho”. Esta denominação começou a ser escrita nas páginas da história já no dia 22 daquele mês, quando dezenas de milhares de homens ocuparam a “Casa do Povo” numa atmosfera repleta de tensão, onde se amontoavam nos corredores e nas salas superlotadas, pronunciando palavras de ordem como “Abaixo ao governo de Kerenski!”, “Abaixo a guerra!”, “Todo poder aos sovietes!” (TROTSKI, 2007, p. 75).

No dia seguinte, Trotski dirigiu-se à Fortaleza Pedro Paulo, que sediava a base central militar de Petrogrado, enquanto o Comitê Revolucionário distribuía comissários em todas as estações de trem para acompanhar o movimento das tropas, pois todos os sovietes dos arredores de Petrogrado foram convidados a garantir que nenhuma tropa contrarrevolucionária entrasse na capital. Com essa medida, estava em curso o processo revolucionário de outubro.

Apesar de algumas sabotagens, como a que aconteceu no dia 24 de outubro, quando a central de comunicação teria sido ocupada por aspirantes-a-oficial com consentimento das telefonistas – pois os funcionários e técnicos do governo provisório temiam o fim de uma vida confortável na derrocada desse governo – a continuidade do processo revolucionário que estava em curso não foi impedida. Uma ação do Comitê Militar Revolucionário enviou um destacamento para o local, retomou a central, pondo fim a qualquer tentativa de barrar a revolução operária. (TROTSKI, 2007).

Na madrugada de passagem do dia 24 para o dia 25 de outubro, houve grande agitação. Em algumas cidades o governo apelara para a artilharia. Os bolcheviques deram ordem para que montassem postos militares de confiança e enviassem agitadores ao encontro das tropas convocadas pelo governo. No Palácio de Inverno os aspirantes-a-oficial, os oficiais e as tropas de choque do “regimento de mulheres” reuniram-se ao redor de Kerenski (TROTSKI, 2007).

Pouco a pouco, o Palácio de Inverno foi cercado pelas tropas bolcheviques e à uma hora da tarde, Trotski anunciou na sessão do soviete de Petrogrado, em nome do Comitê Revolucionário, que o governo de Kerenski já deixara de existir e que só esperavam a decisão do Congresso dos Sovietes de toda a Rússia de passar todo o poder aos sovietes (TROTSKI, 2007).

À noite daquele mesmo dia, foi realizado o congresso – que há muito estava sendo preparado pelos sovietes, em especial sob o comando dos bolcheviques – através do qual, mediante as discussões, todos esperavam com ansiedade as notícias do que estava acontecendo na praça do Palácio de Inverno. Logo chegou a informação que o palácio tinha sido tomado, Kerenski estava foragido e os outros ministros estavam presos na Fortaleza Pedro Paulo (TROTSKI, 2007).

Cerca de dez por cento do congresso – mencheviques e socialistas revolucionários de direita – deram as costas e saíram de lá em sinal de protesto, deixando toda a responsabilidade da revolução aos bolcheviques. Já os grupos mais revolucionários do Partido Socialista Revolucionário inclinaram-se para o proletariado e para o partido destes e se posicionaram do lado dos sovietes. Assim se constituiu todo poder aos sovietes!

Esse processo iniciado em 1917 necessariamente implicou em profundas comoções no plano da consciência social. Isso deve ser reconhecido, qualquer que seja a posição política adotada acerca desse movimento. A exemplo, podemos citar os movimentos transformadores na poesia, no teatro, no cinema, na pintura, etc. (SHUARE, 1990).

Não diferente, o reflexo científico da realidade, em particular as ciências humanas, também entrou nesse processo. Assim, o breve relato do processo revolucionário de Outubro faz-se diante da necessidade de localizarmos historicamente a produção de Vigotski e de suas teorias no campo da psicologia histórico-cultural em um processo histórico específico. Portanto, a localização espaço-temporal deste autor não é apenas uma simples referência, mas trata-se de peça fundamental para a compreensão de sua obra, já que o espírito da Revolução de Outubro também adquire forma nos escritos da psicologia soviética de base marxista.

No entanto, essa forma revolucionária da psicologia soviética não se faz pronta ao final dos processos de outubro, nem em sua forma puramente intelectual. Pelo contrário, o seu processo de produção é resultado de intensas pesquisas e estudos coletivos, os quais não poderiam existir sem um sistema metodológico que os guiasse. Portanto, antes de nos determos minimamente ao seu processo de produção, nos ocuparemos em analisar o método do materialismo histórico-dialético como uma ferramenta fundamental para a construção da psicologia histórico-cultural.

### **A Psicologia Histórico-Cultural e o método dialético: a necessidade histórica da negação do real**

Já vimos que a necessidade de localizar Vigotski e sua produção no plano histórico-espacial não termina com a contextualização da Revolução Russa realizada no tópico anterior. Nossa tarefa apenas estará completa quando efetivarmos uma análise sobre os fundamentos metodológicos que guiaram a produção teórica do citado autor no campo das ciências psicológicas.

Para tanto, devemos nos deter sobre a análise do método dialético que tanto guiou as análises da realidade formuladas no âmbito do Partido Operário Social-Democrata Russo – em especial, a fração dos bolcheviques – em sua ação revolucionária que o levou à tomada do poder, assim como a produção teórica em vários campos científicos após a revolução de outubro.

Todavia, especialmente, a inferência do método materialista histórico-dialético adquiriu destaque no âmbito da organização do movimento operário quando observamos a análise de Lênin (1988, p. 19), no que se refere à luta socialista: “Engels reconhece na grande luta da social-democracia não apenas duas formas (política e econômica) – como se faz entre nós – mas três, colocando a luta teórica no mesmo plano”.

O caráter de interdependência entre as diversas esferas da luta socialista expressa a precisa aplicação do método dialético enquanto instrumento para entender e agir sobre a realidade. O acerto dessas reflexões

está confirmado pelos eventos de outubro, nos quais o movimento revolucionário impõe uma transformação radical do modelo de organização da vida no seio da Rússia feudal, evento esse que nos remete ao entendimento de que uma profunda transformação material da sociedade sempre carrega em si uma conseqüente transformação das relações sociais e das consciências individuais. Essa premissa está expressa na história dos diversos movimentos revolucionários que antecederam a Revolução Russa, e o mérito da análise marxiana está em apreender essa lição da realidade, conforme percebemos nas próprias palavras de Marx:

A transformação da base econômica altera, mais ou menos rapidamente toda a imensa superestrutura. Ao considerar tais alterações é necessário sempre distinguir entre a alteração material – que se pode comprovar de maneira cientificamente rigorosa – das condições econômicas de produção e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam a consciência deste conflito, levando-o às suas últimas conseqüências (MARX, 1983, p. 25).

A partir da reflexão de Marx, daquilo que ele chama de “formas ideológicas”, desenha-se uma convergência com a afirmação anterior de Engels, citado por Lênin quando este se refere à luta teórica. Desta convergência, começa a ganhar forma diante de nossa análise a tarefa histórica posta em prática por Vigotski e aqueles que, ao seu lado, empreenderam o esforço de produzir os preceitos teóricos da chamada psicologia histórico-cultural.

A citada produção trata-se exatamente de dar continuidade aos conflitos ideológicos que se desenvolviam no âmbito da Rússia revolucionária. Esses conflitos objetivaram-se em âmbito mais geral no seio da sociedade, ou seja, em suas transformações estruturais e, decorrentemente, em suas formas específicas de expressão, em sua superestrutura, qual seja educação, arte, cultura, ciência.

Sobre as formas específicas de transformação superestrutural, podemos apontar a luta teórica no campo das ciências em geral, que tinha como principal tarefa desenvolver – a partir da base científica do método materialista histórico-dialético – uma série de novas formulações. Estas, ao mesmo tempo em que imprimiam forma à luta de classes, impulsionavam o processo de transição que

se efetivava na exata construção deste novo modelo social de organização da vida.

Portanto, as produções no campo da luta teórica da psicologia não estavam dissociadas das demais lutas sociais que se desenhavam na Rússia pós-revolução, que visavam à consolidação de uma nova ordem econômica e política. Esta luta teórica estava diretamente vinculada à necessidade de desenvolver uma nova concepção de ciência da psicologia. De acordo com Shuare (1990, p. 26 – tradução nossa), os “primeiros anos da psicologia soviética é a história das tentativas por dar à psicologia o status de uma ciência verdadeira, cujos princípios metodológicos deviam derivar-se naturalmente dos postulados do materialismo dialético e histórico”.

Ademais, para além de entendermos as tarefas objetivas e subjetivas com as quais a psicologia histórico-cultural se confrontava, precisamos entender sobre quais condições objetivas essas lutas foram realizadas. Novamente a história dos processos revolucionários ensina-nos que esses contextos específicos são marcados por uma intensa instabilidade na vida social. Marx (1983, p. 206) apresenta-nos este fato da seguinte forma:

Quando as condições sociais correspondentes a um estágio determinado da produção estão ainda em vias de formação ou quando, pelo contrário, estão já em vias de desaparecer, produzem-se naturalmente perturbações na produção, ainda que de grau e efeito variáveis.

A análise marxiana nos oferece elementos para entendermos as condições objetivas sobre as quais se efetivou o conflito teórico no campo da psicologia soviética, já que, na Rússia revolucionária, encontramos um contexto onde a sociedade anterior, capitalista, ainda se encontrava em via de desaparecer ao mesmo momento em que se ansiava pela formação objetiva de uma nova sociedade, a saber, o modelo socialista de sociedade<sup>10</sup>.

Essa reflexão nos apresenta a base objetiva das produções teóricas da psicologia soviética. Todavia, resta-nos acrescentar que a realidade nunca é estática e, portanto, a análise da mesma não pode ser efetivada sobre

---

<sup>10</sup> Essas questões são complementadas quando refletimos sobre a situação específica da Rússia ainda de caráter econômico feudal, dizimada por duas guerras, uma imperialista e outra civil.

categorias estanques, mas o que queremos sublinhar é que o caráter específico de um período revolucionário nos impõe a necessidade de entender a realidade estudada como marcada pelo movimento da realidade repleto de instabilidade, o que significa dizer que o movimento da realidade social é marcado por transformações ainda mais rápidas e intensas. Essa instabilidade está marcada pelas tarefas impostas aos socialistas russos após a Revolução de Outubro, quando estes deveriam intervir em uma realidade essencialmente transitória, com a exata função de ofertar continuidade a esse processo, no qual não só o modelo de propriedade deveria ser radicalmente transformado, mas também toda forma de organização da vida nas esferas da educação, da saúde, da cultura, e, em especial, o modelo de organização da produção.

A compreensão dessa singularidade da então Rússia socialista já expressa o método dialético em ação, visto que o mesmo toma sempre o “real, o concreto” como o ponto de partida. Diante dessa perspectiva metodológica, tomamos o nosso primeiro contato com a realidade, que nos oferece uma

[...] visão caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto figurado passaríamos a abstrações cada vez mais delicadas até atingirmos as determinações mais simples. (MARX, 1983, p. 218).

O processo de análise, portanto, parte sempre da concretude material, da realidade concreta, e o “concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade” (MARX, 1983, p. 218). A continuidade do processo de análise está expressa ao se chegar às determinações mais simples, o que só pode ser feito ao isolar, no campo do ideal, os diversos fenômenos sociais e analisar, de forma singular, os diversos determinantes – suas relações de unidade na diversidade, onde esses diversos determinantes agem sobre o mesmo complexo. Assim sendo, o movimento da realidade oferece conteúdo e forma ao complexo, a coisa em si, o que significa dizer que os diversos determinantes encontram a sua unidade na substância do complexo, no conteúdo interno da coisa. A investigação desse complexo é, portanto, um exercício de abstração, mas uma abstração que parte sempre da

realidade concreta de onde se inicia a observação, uma abstração do real, e não pura abstração. É por isso que o concreto é

[...] para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não um ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e portanto igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação. O primeiro passo reduziu a plenitude da representação a uma determinação abstrata; pelo segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento. (MARX, 1983, p. 219).

Portanto, a abstração do real, das “determinações mais simples”, é efetivada enquanto uma síntese na qual os complexos são expostos em sua materialidade histórica, onde seu conteúdo interno é decifrado. Esse processo se dá no campo do ideal, no qual é efetivada uma representação do real, um reflexo do real. No movimento de análise, o complexo é isolado no campo do pensamento para que a sua “unidade na diversidade” possa ser apreendida e exposta, em suas múltiplas determinações. Nesse sentido, cada determinação representa uma unidade diversa, e o conteúdo total da coisa apenas pode ser exposto ao ser desmembrado da coisa. Esse exercício refere-se a uma “determinação abstrata”.

Contudo, não se trata de oferecer, através da atividade do ideal, um suposto conteúdo à coisa, mas, apenas, de apreender o conteúdo que já lhe pertence, compreender o seu movimento efetivo, o que significa apreender o real, compreender o seu conteúdo que é sempre histórico e social. Portanto, o método dialético que inicia na observação do real tem sua continuidade ao elevar-se do abstrato ao concreto, que “é para o pensamento precisamente a maneira de se apropriar do concreto, de reproduzi-lo como concreto espiritual. Mas este não é de modo nenhum o processo da gênese do próprio concreto” (MARX, 1983, p. 219).

O concreto espiritual é agora o resultado do processo de análise, produto do movimento da análise dialética, que se inicia na observação de um todo caótico, desenvolve-se para a apreensão de determinações simples isoladas, e finalmente, retorna à realidade, ao conceber o movimento do real e reconstruí-lo enquanto um espelhamento, onde a compreensão do movimento e das mediações das diversas determinações simples permite-nos decifrar a

totalidade concreta como “uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas” (MARX, 1983, p. 218).

A exposição do método de análise estará completa quando compreendermos que, em sua essência, está expressa uma doutrina básica, a qual Marx expôs como a décima primeira Tese de Feuerbach, onde nega os métodos filosóficos existentes enquanto métodos essencialmente idealistas para, em seguida, afirmar o método materialista histórico-dialético como uma filosofia da práxis. Assim ele escreve: “os filósofos apenas interpretam o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX e ENGELS, 2007, p. 539).

Portanto, o método dialético surge não como a simples pretensão de compreender o real, mas trata-se de compreendê-lo justamente para transformá-lo, o que confirma que nosso método de análise não se resume a um processo puramente idealista, já que a referida transformação do real não se dá no campo das ideias, mas trata-se exatamente de impor às ideias uma força material ao colocá-las em movimento. Essa premissa é confirmada quando observamos que o objeto real conserva, durante o processo de análise, “a sua independência fora do espírito; e isso durante o tempo em que o espírito tiver uma atividade meramente especulativa, meramente teórica” (MARX, 1983, p. 219). Marx, com essas palavras, denuncia que o retorno à realidade apenas está completo quando, da análise do real, do “concreto espiritual ou da atividade especulativa”, o ser social parte para a intervenção na realidade com o objetivo de transformá-la.

Além disso, a aplicação do método é sempre um processo teleológico em que as causalidades postas, os nexos causais e as mediações de segunda ordem são analisados com o propósito de realização de uma determinada finalidade. Essa finalidade é a transformação do real, que possui como mediação as lutas políticas, econômicas e teóricas que dão resultado – como afirmou Marx – nas alterações materiais e ideológicas de um contexto histórico específico.

**A Revolução de Outubro e a psicologia soviética: a revolução no interior da revolução**

A exposição do método dialético nos fornece elementos para compreendermos a origem do desenvolvimento das teorias no campo da psicologia histórico-cultural, ao qual Vigotski aparece como um dos seus maiores expoentes. Por outro lado, a própria aplicação do método oferece os demais elementos necessários para a análise do objeto deste trabalho. Coerente ao método que ensina que se deve entender a realidade sempre partindo da realidade concreta, iniciamos nossa análise compreendendo a realidade concreta da revolução russa, a partir da qual podemos entendê-la como uma realidade essencialmente transitória.

Desta afirmação, podemos compreender que as tarefas assumidas em torno da produção teórica no campo da psicologia histórico-cultural são um movimento tático que se submete à estratégia final, ou seja, à finalidade de construção do projeto histórico socialista. Portanto, podemos afirmar que a produção da psicologia soviética marxista é, na verdade, parte da luta social travada na Rússia revolucionária, a luta teórica que está em direta interdependência com a luta econômica e política no interior deste modelo social.

Como já anunciado, a efetivação dessa luta mais geral do processo transitório tem suas repercussões nos embates mais específicos no seio da sociedade soviética, sejam estes no campo da educação, do processo de produção material da vida, no campo da saúde em si, etc. Um conjunto de tarefas práticas estava colocado diante de toda a sociedade nascente. Contudo, não se tratava de uma tarefa puramente prática de reconstruir tudo o que havia sido destruído pelas duas guerras e pelo processo revolucionário em si.

Tratava-se, outrossim, de reconstruir a sociedade sobre um novo alicerce intelectual e cultural, portanto, de atender a um conjunto de tarefas práticas, mas que apenas poderiam ser efetivadas com a devida adaptação das ciências a essas tarefas. Essa adequação, por sua vez, apenas seria efetivada com a reconstrução das ciências em seus diversos campos, que, para atenderem aos interesses essencialmente sociais desta nova sociedade, deveriam ser erigidas sobre as bases do método materialista histórico-dialético.

O desenvolvimento da psicologia histórico-cultural, portanto, estava diretamente determinado pelas transformações realizadas na sociedade como um todo. Como bem expressa A. Smirnov citado por Shuare (1990, p. 25 – tradução nossa), o seu desenvolvimento não estava dissociado das condições históricas, pois

[...] a ciência psicológica da jovem Rússia soviética deu seus primeiros passos na investigação de questões práticas que a construção de uma vida nova levantada ante ela. As possibilidades que se abriram ante a psicologia já neste período, no plano da utilização de suas realizações com a finalidade de resolver tarefas práticas, testemunhavam a necessidade de seu amplo desenvolvimento adicional.

As transformações efetivadas no campo das ciências psicológicas estão expressas no próprio elemento desencadeador de seu desenvolvimento, qual seja, as tarefas práticas citadas por Smirnov: a tarefa de construção de um novo homem e de uma nova sociedade. É este movimento, segundo Shuare (1990), que oferta um novo caráter à psicologia ao tirar-lhe dos marcos acadêmicos tradicionais, desvinculá-la das falsas concepções de neutralidade e de suas constantes investigações em laboratórios, impondo-a a tarefa de dar respostas às necessidades reais da sociedade, o que já expressa a própria aplicabilidade do método dialético, quando este impõe à psicologia a ação de intervenção direta nos problemas práticos da sociedade.

Contudo, as respostas práticas a essas tarefas apenas poderiam ser efetivadas com o conseqüente desenvolvimento da psicologia em seus diversos campos de análise, associada ao método dialético. Shuare (1990, p. 26 – tradução nossa) afirma que essa luta teórica no interior da psicologia efetivou-se diante da

[...] reflexão teórica sobre a natureza do psíquico, a investigação da essência da psique humana, o problema do objeto da psicologia e de seus métodos. Eis aqui o terreno no qual desenvolveu-se uma tenaz luta de ideias e com base nas quais a psicologia soviética fez sua revolução.

A realidade expressa na análise de Shuare (1990) demonstra que o desenvolvimento da psicologia soviética apenas se deu diante uma intensa luta

– que nada mais foi do que uma expressão da luta de classes – luta essa que adquire formas extremas no interior de um processo revolucionário. Esse fato deixa-nos claro que a luta pela transformação ideológica e material da sociedade não terminou com a Revolução de Outubro, mas esta é apenas o seu início, e a continuidade de seu processo transitório estava na dependência direta da conquista de diversas revoluções no interior da revolução que deveriam transformar radicalmente a vida social em seus diversos espaços de organização.

No entanto, essa luta teórica no campo da psicologia – assim como o processo revolucionário de outubro que tinha as suas diversas correntes políticas – realizava-se através do embate das diversas correntes filosóficas e teóricas no interior da psicologia. Shuare (1990) oferta-nos em sua obra um resumo de três vertentes no campo da psicologia que se expressavam nos primeiros anos da revolução russa:

1) a defesa da psicologia tradicional (Subjetivista, Empirista), em especial, em sua linha experimental, que tinha um desenvolvimento considerável no país; 2) a Prolongação da tradição científico-natural da fisiologia, que tinha alcançado não com poucos êxitos no estudo do cérebro e do sistema nervoso em geral e que pretendia converter-se em modelo para a psicologia e, inclusive, substituir; 3) as tentativas de criar novas concepções sobre a base do marxismo. De uma maneira também esquemática assinalamos algumas das principais conseqüências que caracterizam esta primeira etapa: a) a aparição de um “novo” objeto de estudo da psicologia, o comportamento, mas entendido de maneira diferente que no comportamentalismo norte-americano; b) a pretensão de reduzir o psiquismo, a manifestação subjetiva dos processos nervosos e, em geral, distintas interpretações materialistas reducionistas; c) diferentes propostas nas que se pretende incorporar postulados do marxismo à psicologia. (SHUARE, 1990, p. 27 – tradução nossa).

Da disputa expressa entre essas diversas correntes, onde se delinea uma guerrilha intelectual no seio da Revolução Russa, interessa-nos destacar as disputas em torno da apropriação do método marxista e sua incorporação como meio de produção de uma nova concepção da psicologia. Contudo, o processo de incorporação do método expresso na filosofia marxiana propaga uma apropriação equivocada do método dialético, pois o processo de produção teórica desconhecia as diferentes especificidades entre filosofia e ciência. Portanto, está claro que os embates teóricos no campo da Revolução Russa foram além das disputas com as correntes empiristas ou fisiológicas. Mas esta

luta deu-se, também, entre marxistas filiados às diversas correntes, os quais buscavam apropriar-se do método dialético em suas pesquisas científicas.

Entretanto, como nos relata Shuare (1990), quando essas tentativas se reduzem a uma aplicação automática do método, pautada na simples repetição dos postulados filosóficos – esquecendo-se que a filosofia não pode ser automaticamente aplicada na pesquisa científica. O resultado, por isso, tem sido impreterivelmente marcado por um intenso ecletismo, por posições reducionistas ou pela repetição dogmática de certos princípios que perderam assim o seu valor.

A compreensão das lutas ideológicas no interior das ciências da psicologia em nosso processo de exposição faz-se como a própria exposição do processo de constituição da psicologia soviética, já que a revolução realizada no interior da psicologia é produto dessa luta ideológica em torno da própria apropriação do marxismo e suas repercussões no campo da produção da psicologia socialista. Esta revolução – como nos ensina Shuare (1990) – não pode ser compreendida como fruto de uma iluminação coletiva instantânea, mas referida conquista apenas pode ser entendida no movimento contraditório da realidade e de suas lutas cotidianas, o que nos permite afirmar que essa revolução é fruto

[...] de um áspero (às vezes, implacável e injusto) e prolongado enfrentamento de concepções, interpretações, esquemas, cujos extremos (mecanicismo-dialética; idealismo-materialismo), atuando como pólos magnéticos, atraíram aos cientistas da época, fazendo-lhes perder, por momentos, a bússola orientadora, porém, afinal de contas, levou-os a encontrar a base a partir da qual formular as proposições fundamentais para a criação de uma nova psicologia. (SHUARE, 1990, p. 26 – tradução nossa).

O entendimento que o desenvolvimento da psicologia histórico-cultural somente pode ser compreendida no movimento contraditório da realidade coloca-nos diante de mais um elemento do método materialista histórico-dialético, o qual advoga que, nas múltiplas determinações do concreto, está expressa a unidade na contradição. Sobre essa questão recorreremos novamente a Shuare (1990, p. 18 – tradução nossa) quando esta afirma que a

[...] a fonte do desenvolvimento do objeto (não apenas quantitativa, mas qualitativa) é a unidade e luta dos contrários. O desenvolvimento em forma de saltos, a interrupção da continuidade, a passagem da quantidade para a qualidade se revelam através do conceito de movimento interno, conversão, formação; a fonte do desenvolvimento deve buscar dentro do próprio objeto.

Portanto, a própria psicologia histórico-cultural é produto do movimento de negação das vertentes tradicionais ou biológicas do campo das ciências da psicologia, movimento esse que tem sua continuidade no processo de negação da negação, expresso no embate com as vertentes dogmáticas ou incorporações mecanicistas do método dialético no seio das produções no campo da psicologia. Todo esse movimento é resultado e resultante da própria luta de classes, na qual a expressão maior do processo de negação do existente está exposta no movimento revolucionário de outubro.

### **Considerações finais**

O processo do qual resulta a psicologia histórico-cultural, síntese de múltiplas determinações, é ele próprio um dos determinantes para a constituição das teorias da psicologia soviética, assim como essa teoria em movimento – execução de tarefas práticas – determina o real.

Devemos apontar, ainda, que o fato de afirmarmos a psicologia histórico-cultural como produto, síntese, deste movimento de luta teórica, não deve ser confundido com a ideia de que o nosso objeto de análise é um produto acabado e finalizado. No método dialético, os objetos de estudo nunca estão prontos e acabados, porque justamente a realidade não é estática, ou esta nunca chega ao momento em que ela mesma se encontre pronta e acabada. Portanto, não podemos tomar nenhum dos elementos que a compõem como acabados, pois a sociedade e o ser social, enquanto entes históricos, nunca serão seres acabados.

Portanto, especialmente sobre a psicologia histórico-cultural, podemos concluir que ela surgiu com um propósito político bem definido: fazer avançar o processo de transição para a sociedade comunista e a construção do homem socialista. Por diversos elementos da realidade, esse objetivo não pode ser

alcançado. Tal fato não cancela a premissa de que o processo de negação da negação das diversas sínteses constituídas na realidade modela o movimento de transição ao novo, de modo que a teoria é válida até o momento em que esta possa dar respostas práticas para a realidade. Como a realidade é transitória e se altera, a teoria deve reanalisá-la e produzir novas formulações.

Compreendemos que o processo revolucionário de outubro não atingiu o seu ápice almejado. Portanto, dessa afirmação, podemos deduzir que a própria teoria histórico-cultural ainda está longe de atingir o seu ápice, enquanto uma teoria que dá respostas práticas para a constituição de uma sociedade comunista. De acordo com o método histórico-dialético, é necessário refletir sobre suas contribuições, avanços extraordinários e limites de suas formulações e experiência histórica no processo de organização das lutas políticas, econômicas e teóricas, as quais possuem sempre a finalidade de dar vida novamente ao processo de transição para uma sociedade para além do capital.

## Referências

BARROCO, Soni Mari Shima. **A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski**: Implicações e contribuições para a psicologia e educação atuais. Araraquara, 2007. Tese de Doutorado.

COSTA, Frederico. Revolução Russa: Vitória, degeneração e resistência. **Revista Eletrônica Arma da Crítica**, Ano 2, n. 2, mar. 2010. ISSN 1984-4735. Disponível em: <<http://www.armadacritica.ufc.br>>. Acesso em: 20/03/2010.

LÊNIN, Vladimir Ilich. **O Que Fazer?** As questões pertinentes do nosso movimento. São Paulo: Editora HUCITEC, 1988.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução Maria Helena Barreiro Alves, 2<sup>o</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Supervisão editorial, Leandro Konder; Tradução, Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.

SERGE, Victor. **O Ano I da Revolução Russa**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. – São Paulo: Boitempo, 2007.

SHUARE, Marta. **La Psicologia Soviética tal como la Veo**. Moscú: Progreso, 1990.

TROTSKI, Leon. **A Revolução de Outubro**. Tradução: Daniela Jinkings - São Paulo, Ed. Boitempo, 2007.